

VIAGEM AO  
CENTRO  
DA TERRA



JÚLIO VERNE

VIAGEM AO  
CENTRO  
DA TERRA

Tradução  
Juliana Ramos Gonçalves



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês  
Viagem ao centro da terra - *Voyage au Centre de la Terre*

Texto Júlio Verne	Produção e projeto gráfico Ciranda Cultural
Tradução Juliana Ramos Gonçalves	Imagens Mott Jordan/Shutterstock.com; donatas1205/Shutterstock.com; noreefly/Shutterstock.com;
Preparação Andréia Manfrin Alves	Miloje/Shutterstock.com;
Diagramação e revisão Casa de Ideias	

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD**

V531v	Verne, Júlio
Viagem ao centro da terra / Júlio Verne ; traduzido por Juliana Ramos Gonçalves. - Jandira, SP : Principis, 2019. 304 p. ; 15,5 cm x 22,6 cm. Tradução de: Voyage au centre de la terre ISBN: 978-85-94318-15-2 1. Literatura juvenil. 2. Aventura. 3. Viagens. 4. Mundo. I. Gonçalves, Juliana Ramos. II. Título.	
2018-532	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 82-93

1ª Edição

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

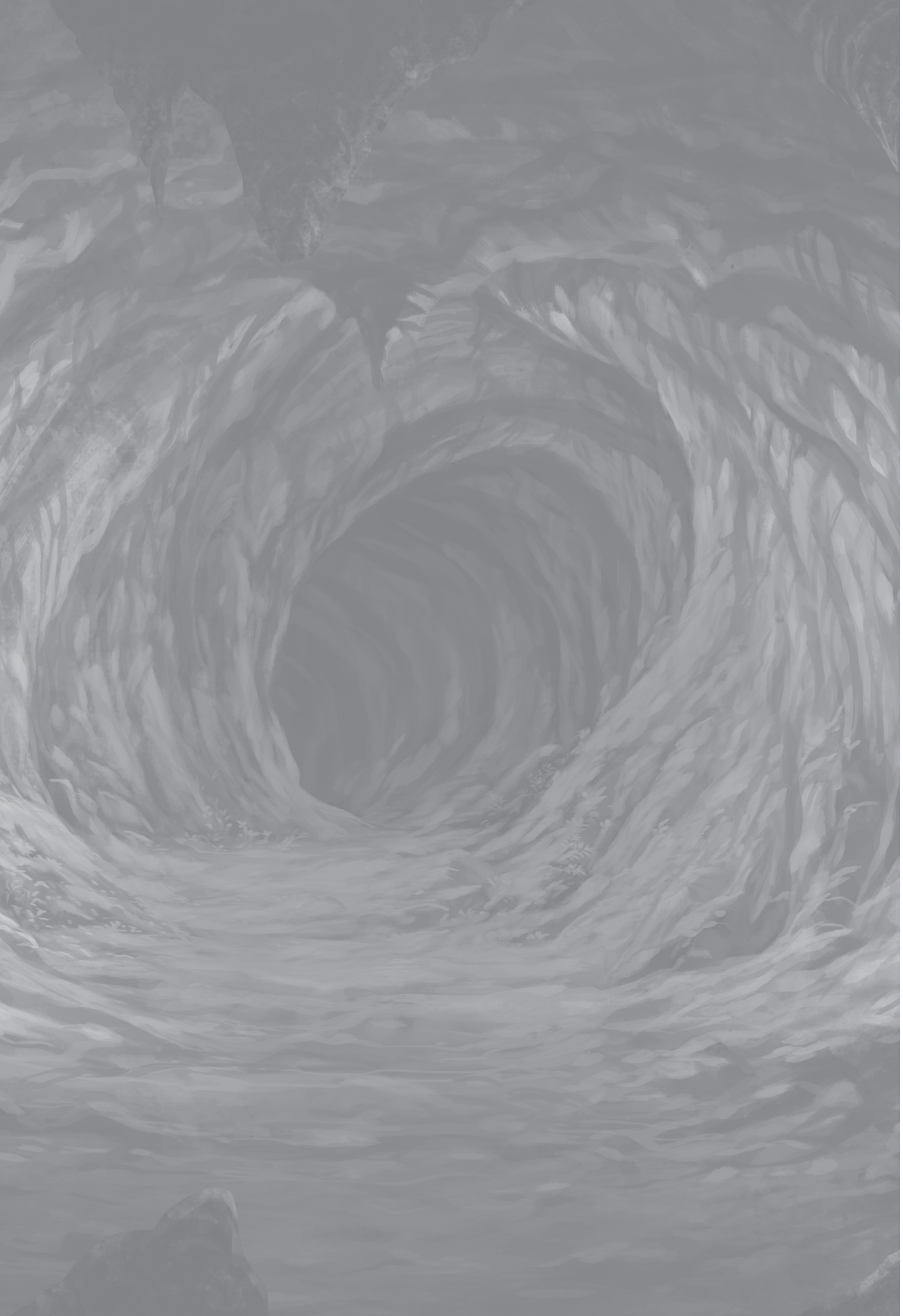
CAPÍTULO 1 .....	11
<i>No dia 24 de maio de 1863</i>	
CAPÍTULO 2 .....	17
<i>Esse escritório era um verdadeiro museu</i>	
CAPÍTULO 3 .....	23
<i>Com certeza são runas</i>	
CAPÍTULO 4 .....	31
<i>Ele saiu?</i>	
CAPÍTULO 5 .....	37
<i>Só tive tempo de recolocar o malfadado documento sobre a mesa</i>	
CAPÍTULO 6 .....	43
<i>A essas palavras, um arrepio me percorreu todo o corpo</i>	

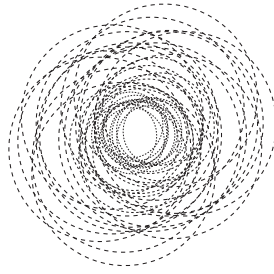
CAPÍTULO 7 .....	51
<i>Assim terminou essa memorável reunião</i>	
CAPÍTULO 8 .....	59
<i>Altona, verdadeiro subúrbio de Hamburgo, é o ponto de partida</i>	
CAPÍTULO 9 .....	67
<i>O dia da partida chegou</i>	
CAPÍTULO 10 .....	75
<i>O jantar estava pronto</i>	
CAPÍTULO 11 .....	81
<i>À noite, fiz um breve passeio pelo litoral</i>	
CAPÍTULO 12 .....	89
<i>Havíamos partido com um tempo encoberto</i>	
CAPÍTULO 13 .....	95
<i>Era para estar escuro</i>	
CAPÍTULO 14 .....	101
<i>Stapi é um vilarejo formado por umas trinta cabanas</i>	
CAPÍTULO 15 .....	109
<i>O Sneffels tem mil e quinhentos metros de altura</i>	
CAPÍTULO 16 .....	115
<i>A ceia foi rapidamente devorada</i>	
CAPÍTULO 17 .....	121
<i>A verdadeira viagem estava começando</i>	

CAPÍTULO 18.....	127
<i>Às oito horas da manhã, um raio de sol veio nos acordar</i>	
CAPÍTULO 19.....	133
<i>No dia seguinte, terça-feira, 30 de junho, às seis horas</i>	
CAPÍTULO 20.....	139
<i>De fato, foi preciso raciocinar</i>	
CAPÍTULO 21.....	145
<i>No dia seguinte, partimos de manhãzinha</i>	
CAPÍTULO 22.....	151
<i>Dessa vez a descida recomeçou pela nova galeria</i>	
CAPÍTULO 23.....	155
<i>Durante uma hora, imaginei na minha mente em delírio</i>	
CAPÍTULO 24.....	161
<i>No dia seguinte, já havíamos esquecido nossas dores passadas</i>	
CAPÍTULO 25.....	165
<i>Assim, na manhã seguinte acordei sem aquela habitual preocupação</i>	
CAPÍTULO 26.....	171
<i>Preciso reconhecer que, até então, as coisas estavam indo bem</i>	
CAPÍTULO 27.....	175
<i>Não consigo figurar meu desespero</i>	

CAPÍTULO 28 .....	179
<i>Quando voltei a mim, meu rosto estava molhado</i>	
CAPÍTULO 29 .....	187
<i>Quando voltei a mim, havia uma meia-luz</i>	
CAPÍTULO 30 .....	193
<i>No início, não vi nada</i>	
CAPÍTULO 31 .....	201
<i>No dia seguinte, acordei completamente recuperado</i>	
CAPÍTULO 32 .....	207
<i>No dia 13 de agosto, acordamos bem cedo</i>	
CAPÍTULO 33 .....	215
<i>Sábado, 15 de agosto – O mar</i>	
CAPÍTULO 34 .....	223
<i>Quarta-feira, 19 de agosto – Felizmente o vento</i>	
CAPÍTULO 35 .....	229
<i>Sexta-feira, 21 de agosto – No dia seguinte</i>	
CAPÍTULO 36 .....	237
<i>Aqui termina o que chamei de “diário de bordo”</i>	
CAPÍTULO 37 .....	243
<i>Seria impossível ilustrar a sucessão de sentimentos</i>	

CAPÍTULO 38.....	249
<i>Para compreender a evocação do meu tio a esses ilustres sábios</i>	
CAPÍTULO 39.....	255
<i>Por mais meia hora, nossos pés ainda pisaram naquelas</i>	
CAPÍTULO 40.....	263
<i>Desde o início da viagem eu havia ficado perplexo várias vezes</i>	
CAPÍTULO 41.....	269
<i>O dia seguinte, quinta-feira, 27 de agosto, foi uma data célebre</i>	
CAPÍTULO 42.....	275
<i>Suponho que deviam ser dez horas da noite</i>	
CAPÍTULO 43.....	283
<i>Sim, enlouquecido!</i>	
CAPÍTULO 44.....	291
<i>Quando reabri os olhos</i>	
CAPÍTULO 45.....	299
<i>Eis a conclusão</i>	





# CAPÍTULO 1

No dia 24 de maio de 1863, um domingo, meu tio, o professor Lidenbrock, voltou apressadamente à sua pequena casa situada no número 19 da Königstrasse, uma das mais antigas ruas do centro velho de Hamburgo.

A governanta Martha deve ter pensado que estava bem atrasada, pois o jantar mal começara a apitar no forno da cozinha.

“Bom” – disse para mim mesmo –, “se o meu tio, que é o mais impaciente dos homens, estiver com fome, ele vai dar gritos de desespero”.

– Mas já, sr. Lidenbrock?! – exclamou Martha estupefata, entreabrindo a porta da sala de jantar.

– Sim, Martha. Mas o jantar tem o direito de não estar pronto, pois ainda não são duas horas. Acabou de soar uma e meia na Igreja de São Miguel.

– Então por que o senhor Lidenbrock está em casa?

– É o que ele provavelmente vai nos dizer.

– Ah, senhor Axel, aqui está o senhor! Escapei dessa! Faça-o recuperar a razão.

E a governanta Martha voltou ao seu laboratório culinário.

Fiquei sozinho. Mas fazer o mais irascível dos professores recuperar a razão é o que a minha personalidade um tanto vacilante não me permitiria. Assim, eu já me preparava para

voltar prudentemente ao meu pequeno quarto no andar de cima quando a porta da rua rangeu e grandes pés fizeram a escada de madeira estalar. O dono da casa, atravessando a sala de jantar, dirigiu-se imediatamente ao seu escritório.

Porém, durante essa rápida passagem, ele havia jogado em um canto a sua bengala com castão de quebra-nozes, sobre a mesa, seu largo chapéu de pelos espetados, e sobre seu sobrinho, estas sonoras palavras:

– Siga-me, Axel!

Eu mal tivera tempo de me mexer e o professor já gritava com um tom pronunciado de impaciência:

– Ora essa! Você ainda não está aqui?

Lancei-me em direção ao escritório de meu temível mestre.

Otto Lidenbrock não era um homem mau, admito de bom grado. Porém, a menos que houvesse transformações improváveis, morreria como um homem terrivelmente excêntrico.

Ele era professor de mineralogia no Johannaem e, durante as aulas, frequentemente ficava uma ou duas vezes colérico. Não que ele se preocupasse em ter alunos assíduos em suas aulas ou com o grau de atenção que eles lhe dirigiam, nem com o sucesso que poderiam obter futuramente. Esses detalhes não o inquietavam muito. Ele professava “subjetivamente” – segundo uma expressão da filosofia alemã – para ele, e não para os outros. Era um sábio egoísta, um poço de ciência cuja roldana enguiçava quando se desejava puxar alguma coisa. Em uma palavra, um avarento.

Existem alguns professores desse tipo na Alemanha.

Meu tio, infelizmente, não gozava de uma grande facilidade de pronúncia, se não na intimidade, ao menos quando falava em público, o que é um defeito lamentável para um orador. De fato, em suas exposições no Johannaem, o professor com frequência parava de repente e lutava contra uma palavra recalcitrante que não queria sair de sua boca – uma dessas palavras

que resistem, se inflam e acabam escapando sob a forma pouco científica de um palavrão. E daí vinha uma grande cólera.

Ora, na mineralogia existem várias denominações semigregas e semilatinas difíceis de se pronunciar, rudes designações que feririam os lábios de um poeta. Não quero falar mal dessa ciência. Longe de mim. Mas quando estamos na presença de cristalizações romboédricas, resinas retinoasfálticas, guelenitas, fangasitas, molibdatos de chumbo, tungstatos de manganês e titanatos de zircônio, é permitido à língua mais habilidosa tropeçar.

Assim, essa perdoável enfermidade de meu tio era bem conhecida na cidade, e as pessoas se aproveitavam dela, e a aguardavam nos trechos perigosos, e ele ficava enfurecido, e então riam – o que não é algo de bom gosto, mesmo entre os alemães. E embora sempre houvesse uma grande afluência de ouvintes nos cursos de Lidenbrock, quantos deles não os acompanhavam assiduamente sobretudo para rir das grandes cóleras do professor?

De qualquer forma, eu não saberia expressar o quanto meu tio era um verdadeiro sábio. Ainda que ele às vezes quebrasse suas amostras ao testá-las de um modo brusco demais, ele aliava ao gênio do geólogo o olhar do mineralogista. Com seu martelo, sua broca de aço, sua agulha imantada, seu maçarico e seu frasco de ácido nítrico, era um homem muito habilidoso. Diante das fendas, do aspecto, da dureza, da fusibilidade, do som, do odor e do gosto de um mineral qualquer, classificava-os sem hesitar dentre as seiscentas espécies que a ciência contabiliza hoje em dia.

Além disso, o nome de Lidenbrock ressoava com honra nos colégios e nas associações nacionais. Os senhores Humphry Davy e Humboldt e os capitães Franklin e Sabine nunca deixavam de visitá-lo quando passavam por Hamburgo. Os senhores Becquerel, Ebelmen, Brewster, Dumas e Milne-Edwards gostavam de consultá-lo sobre as questões mais palpitantes da

química. Essa ciência lhe devia algumas belas descobertas. Em 1853, havia surgido em Leipzig um *Tratado de cristalografia transcendente* de autoria do professor Otto Lidenbrock, grande in-fólio com pranchas que, todavia, não lhe proporcionou nenhum lucro.

Acrescente-se a isso que meu tio era o conservador de uma preciosa coleção de renome na Europa: o museu mineralógico do sr. Struve, embaixador da Rússia.

Eis o personagem que me interpelava com tanta impaciência. Imagine um homem alto, magro, com uma saúde de ferro e uma loirice juvenil que lhe subtraía dez bons anos dos seus cinquenta. Seus grandes olhos se mexiam incessantemente por trás de consideráveis óculos. Seu nariz, longo e fino, parecia uma lâmina afiada; os maldosos até mesmo diziam que ele atraía limalha de ferro. Pura calúnia. Ele só atraía tabaco – mas em grandes quantidades, para ser sincero.

Quando eu acrescentar que meu tio dava passadas matemáticas de meia toesa,<sup>1</sup> e se eu disser que ao caminhar ele mantinha seus punhos solidamente fechados, sinal de um temperamento impetuoso, ele será suficientemente conhecido para que sua companhia não seja tão apreciada.

Ele vivia em sua pequena casa da Königstrasse, uma habitação metade de madeira, metade de tijolos, com um frontão dentado. Ela dava para um desses canais sinuosos que se cruzam no meio do mais antigo bairro de Hamburgo, que o incêndio de 1842 felizmente poupou.

A velha casa pendia um pouco, é verdade, e exibia seu ventre aos passantes. Seu telhado caía-lhe sobre as orelhas como a boina de um estudante da Tugendbund. O aprumo de suas linhas deixava a desejar. Porém, no fim das contas, ela se mantinha bem graças a um velho olmeiro incrustado em sua

---

<sup>1</sup> Medida antiga de comprimento francesa, equivalente a seis pés.

fachada, que na primavera empurrava seus botões em flor contra os vidros das janelas.

Para um professor alemão, meu tio não deixava de ser rico. A casa lhe pertencia completamente, continente e conteúdo. O conteúdo era sua afilhada Grauben, jovem irlandesa de dezessete anos, a governanta Martha e eu. Em minha dupla qualidade de sobrinho e órfão, tornei-me o ajudante de suas experiências.

Confesso que me lancei com muita sede nas ciências geológicas. Eu tinha sangue de mineralogista nas veias e nunca me entediava na companhia de minhas preciosas pedras.

Em suma, era possível viver feliz nessa casinha da Königstrasse, apesar das impaciências de seu proprietário, pois, por mais que ele agisse de um modo um pouco bruto, não deixava de me amar. Mas esse homem não sabia esperar, e ele estava mais apressado que de costume.

Quando, em abril, ele plantara nos vasos de louça de sua sala pés de resedá ou ipomeia, ele ia a cada manhã puxá-los pelas folhas a fim de apressar seu crescimento.

A um excêntrico desses, só se podia obedecer. Precipitei-me, então, em direção ao seu escritório.